

# humanitas

**Vol. LXV**  
**2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Rodrigues, Ália Rosa, *Tragédia e política: João de Castro Osório*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, 210 pp. ISBN: 978-989-26-0162-5

O presente volume é o resultado da investigação feita por Ália Rodrigues no âmbito do seu mestrado, importante para divulgar a obra de um autor português pouco estudado, João de Castro Osório, e, em particular, a *Trilogia de Édipo* (*Esfinge, Jocasta e Antígona*), não composta para ser representada. A produção osoriana é uma reescrita do mito do herói tebano celebrado por Sófocles, à qual se conferem traços conectados com uma época e uma ideologia peculiares, com aspirações nacionalistas, ilustrativas da convicção no heroísmo lusitano. Datada de 1954, momento em que Salazar conduzia a política portuguesa, a trilogia encontra sintomaticamente em Édipo ‘o herói carismático para a reorganização de uma comunidade’ (cf. p. 191), o super-homem nietzscheano, marcado pela excecionalidade que o torna capaz de superar as contrariedades.

A breve introdução feita por Ália Rodrigues na sua publicação dá conta do esquecimento a que Osório e os seus textos terão sido votados e sublinha a necessidade de contextualizar o período entre os séculos XIX e XX em Portugal para compreender a perspetiva e a escrita osorianas.

A consciência da inspiração em Nietzsche, bem como na produção musical wagneriana na obra de Osório, instiga oportunamente a autora a um primeiro capítulo relacionado com a receção de ambos os nomes na vida intelectual portuguesa da primeira metade do século XX.

No capítulo II, apresentam-se páginas bem documentadas sobre a vida e a obra de João de Castro Osório, distinguindo-se o seu percurso político, literário e intelectual. Os dados biobibliográficos fornecidos propiciam a indicação dos diversos *topoi* ‘que marcarão a sua poesia - o tom nacionalista, o sentimentalismo vitalista da ideia de raça, o repto para uma luta infinita (...), a aura mística da missão pela invocação e incorporação espiritual dos valores do mito lusíada sebastianista’ (p. 121), temas que se enquadram no contexto e na ideologia da sua produção literária, claramente marcada por uma dimensão política.

O estudo específico da *Trilogia de Édipo* ocupa o capítulo III, que abre convenientemente com uma síntese do tratamento do mito do herói tebano em diversos domínios, para singularizar a sua abordagem no poema dramático de Castro Osório, no qual se revela um sincretismo entre perspetiva clássica e cristã, para lá da influência do pensamento de Nietzsche e do drama musical de Wagner.

Naturalmente, no decurso do estudo a autora prevê um paralelo entre a versão osoriana do mito e a sofocliana, em particular a nível de elenco e de temas.

As conclusões, pertinentes e sintéticas, vincam a ideia da ‘apologia do sofrimento como cruzada pessoal em prol da comunidade’ (p. 190) – Édipo, homem enaltecido, é a imagem expressiva de tal crença.

Bem estruturado a nível geral, o volume contempla, no final de cada capítulo, pertinentes notas remissivas para distintos domínios (biográfico, literário, político, filosófico, musical), não raro com sugestão de alargamento a outras leituras. A inserção de algumas imagens, por seu turno, torna-o mais atrativo em termos visuais. A nível da diversidade da bibliografia em que se apoia, a publicação está bem documentada; seria porém valorizada pela inclusão de um índice onomástico. Numa nova edição, algumas gralhas, nomeadamente a nível de repetição / omissão de palavras, poderão ser corrigidas.

Em termos globais, esta é uma obra com interesse na área da receção do teatro clássico, que assinala uma presença singular do mito edípiano no Portugal do século XX, evidenciando a perenidade de temas e questões da Antiguidade no mundo atual e a sua permeabilidade a sensibilidades, interpretações e contextos diferenciados, geradores de múltiplas reescritas.

SUSANA HORA MARQUES

Santos, David, Roque, Fátima Faria, *Jorge Amado e o neorrealismo português*, Vila Franca de Xira; Lisboa: Museu do Neo-Realismo; Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL), 2012.

A romantizada e ficcionalizada maneira de ser do povo brasileiro – otimista, feliz e sensual –, descrita por Jorge Amado em sua obra, poderá ser vista agora, sob o olhar português, no belíssimo livro de David Santos e Fátima Roque. Baseado nas iniciativas que festejaram os cem anos do nascimento do mestre baiano em agosto do ano passado, o catálogo *Jorge Amado e o neorrealismo português*, fruto de uma parceria entre o Museu do Neo-realismo, sediado em Vila Franca de Xira, e o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL), é uma realização valiosa.